

O segredo de Maria: Um estudo sobre os contributos do São Josemaría para a exegese bíblica

Introdução

O exegeta católico sabe que a melhor forma de se aproximar do texto sagrado é a intimidade com o seu Autor principal, o Espírito Santo. Por isso, a sua tarefa científica deve ir acompanhada de uma outra de índole espiritual¹.

No entanto, tal conveniência não se adverte facilmente quando a quantidade de dados que surgem na bibliografia especializada obriga a uma dedicação intensa na assimilação de novas descobertas, ou de novos contributos, de novos métodos de acesso, ou de novas abordagens, para o conhecimento de uma passagem nos vários níveis a que a análise deve atender. Além disso, a urgência de obter resultados – publicações, conferências, aulas, seminários, etc. – não se compadece com a espera de uma iluminação do investigador por parte do Espírito Santo.

¹ Assim, JOÃO PAULO II, seguindo o ensinamento de PIO XII, que aconselhava aos exegetas *orent ut intellegant* (Carta Enc. *Divino afflante Spiritu*, de 30-IX-1943, EB 569), afirmava: «Durante o próprio trabalho de interpretação, é necessário manter-se o mais possível na presença de Deus» (*Discurso*, 23-IV-1993, n. 9; in PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, Rei dos Livros, Lisboa, 1993). Anotamos também o pensamento de um conhecido exegeta italiano: «Vale la pena anotar que la exégesis espiritual interesa en los últimos tiempos a los exégetas de profesión» (GAROFALO, S., *El valor perenne del Evangelio*, in FABRO, C. – GAROFALO, S. – RASCHINI, Maria Adelaide, *Santos en el mundo. Estudio sobre los escritos del Beato Josemaría Escrivá*, Rialp, Madrid, 1993, 144).

É possível, portanto, que a tarefa de estudar um texto e de lhe retirar o seu significado teológico, esteja um pouco desvinculada da vida espiritual do biblista, e que este, mesmo fomentando a sua piedade pessoal, não espere obter do contacto com Deus, pela oração, a solução para os intrincados problemas exegéticos. Prefere-se, talvez, rezar por um lado e investigar por outro.

Ora, São Josemaría Escrivá de Balaguer, sacerdote e fundador do Opus Dei, sem ter sido um biblista, no sentido estrito do termo, mostrou, com a sua abordagem espiritual à Escritura, que é possível chegar mais longe na interpretação do texto sagrado, do que o exegeta que não recorrer à iluminação do Espírito Santo. O seu contributo consiste sobretudo numa metodologia de abordagem ao Evangelho, e ela valoriza-se com os resultados surpreendentes que permite obter.

Como exemplo demonstrativo do que acabamos de afirmar vamos considerar um caso prático, o do chamado «segredo de Maria», pelo qual se pode verificar como o Fundador do Opus Dei chegou, de modo quase instantâneo ou intuitivo, a um resultado que parecia muito trabalhoso para o procedimento habitual da exegese. Procederemos do seguinte modo: (1) apresentaremos o problema exegético em questão; (2) tentaremos abordar a metodologia espiritual que São Josemaría propunha; e (3) mostraremos como ele chegou a uma conclusão que parece ajustar-se perfeitamente à solução do problema.

1. O segredo de Maria

A análise histórica dos Evangelhos da Infância (Mt 1-2; Lc 1-2) exige a concatenação dos factos narrados em dois textos com procedências diferentes e provavelmente independentes; esta independência na narração, além de fornecer uma garantia de historicidade, complica a sequência cronológica dos acontecimentos, relativos à Família de Jesus. Essa sequência costuma ser colocada com a seguinte ordem:

1º Anunciação a Maria (Lc 1,26-38), em virtude da qual esta concebe virginalmente;

2º Visitação de Maria a Isabel (Lc 1,39-56), por força da «pressa» – *meta spoudês* (1,39) – com que se ergue e se dirige às montanhas da Judeia, após a Anunciação;

3º Anúncio em sonhos a José (Mt 1,18-25), uma vez que este facto é posterior à concepção por parte de Maria e não parece requerer uma grande proximidade temporal ².

² A bibliografia sobre o tema é demasiadamente extensa e não nos parece necessário ser exaustivos;

a) A hipótese de suspeita de adultério

Esta disposição cronológica aponta para uma interpretação dos factos que recai no segredo de Maria sobre a concepção virginal. Maria teria partido para a Judeia sem ter informado José de que esperava um filho e este só viria a aperceber-se da gravidez mais tarde.

A gravidez em segredo tinha uma explicação óbvia para uma desposada (cf. Mt 1,18) como Maria: o adultério. Assim se leria a atitude de José ao pensar dar libelo de repúdio a Maria secretamente, como uma forma de não a expor a difamação (Mt 1,19). O repúdio era secreto como secreta fôra a concepção.

No entanto, esta leitura tropeça com o escolho das palavras do Anjo a José: «José, filho de David, não temas receber Maria, a tua esposa. O que nela se gerou, é do Espírito Santo» (Mt 1,20) ³. Por estas palavras deduz-se que José tinha medo. Ora, portanto, o seu libelo de repúdio não é uma medida de punição de uma mulher infiel ⁴.

damos, de qualquer modo a referência de algumas obras sobre o tema: LAGRANGE, M.-J., *Évangile selon saint Matthieu*, Gabalda, Paris, 1948²; IDEM, *Évangile selon saint Luc*, Gabalda, Paris, 1951²; LAURENTIN, R., *Structure et théologie de Luc I-II*, Gabalda, Paris, 1964⁴; IDEM, *Les évangiles de l'enfance du Christ. Vérité de Noël au-delà des mythes. Exégèse et sémiotique – historicité et théologie*, Desclée, Paris, 1983²; BROWN, R., *El nacimiento del Mesías: comentario a los relatos de la infancia*, Cristiandad, Madrid, 1982; FREITAS FERREIRA, J. de, *A conceição virginal de Jesus*, P.I.B., Roma, 1980; GUEURET, Agnès, *L'engendrement d'un récit. L'évangile de l'enfance selon saint Luc*, Cerf (Lectio Divina 113), Paris, 1983; HENDRICKX, H., *Los relatos de la infancia*, Paulinas, Madrid, 1986; FITZMYER, J., *El Evangelio según Lucas. I. Introducción general*, Cristiandad, Madrid, 1986; II. *Traducción y comentarios. Capítulos 1-8,21*, Cristiandad, Madrid, 1987; SEGALLA, G., *Una storia annunciata. I racconti dell'infanzia in Matteo*, Morcelliana, Brescia, 1987; MUÑOZ IGLESIAS, S., *Los Evangelios de la Infancia I. Los cánticos del Evangelio de la Infancia según San Lucas*, Madrid, 1983; II. *Los anuncios angélicos previos en el Evangelio lucano de la Infancia*, Madrid, 1986; III. *Nacimiento e infancia de Juan y de Jesús en Lucas 1-2*, Madrid, 1987; PÉREZ RODRÍGUEZ, G., *La infancia de Jesús (Mt 1-2; Lc 1-2)*, Univ. Pont. Salamanca, Salamanca, 1990; contra a posição da maioria dos exegetas, apresenta-se a de alguns autores espirituais, que defendem a seguinte cronologia:

(1) Anunciação a Maria;

(2) Anúncio a José;

(3) Visitação

(cf. CAFFAREL, H., *No temas recibir a María, tu esposa. El matrimonio de la Virgen y San José*, Rialp, Madrid, 1993, 50 n 6); veremos que esta posição não é exactamente concorde com as exigências do texto.

³ A expressão da Neo-Vulgata *de Spiritu Sacto est* traduz um original grego um pouco complexo: *ek pneumatós estin hagiou*. Entre os dois membros do sintagma nominal surge o verbo «ser». De facto, o mesmo fenómeno se verifica em Act 1,5 onde se interpõe o verbo «baptizar»: *hymeis de en pneumatí baptisthêsethe hagiô*, «vós, porém, sereis baptizados no Espírito Santo».

⁴ A leitura de que José estivesse a repudiar a sua esposa é perfeitamente compatível com o vocábulo «justo» aplicado a ele, desde a mentalidade judaica da época; é bom ter em conta que, defendendo a

Mas medo de quê?

Medo de receber ou tomar Maria como esposa ⁵, isto é, de concluir o matrimónio, através da celebração das bodas, precedidas pela condução da noiva a casa do noivo, onde ela é propriamente «recebida» ⁶. Portanto, José e Maria, como o texto afirma, eram desposados, mas viviam ainda separadamente (Mt 1,18), não tinham realizado as bodas. E é dessa realização que José tem medo.

Ora o medo de realizar as bodas teria sentido se José temesse introduzir na sua casa o fruto de um adultério, embora a Bíblia apresente o caso de Oseias a quem Deus ordenara que contraísse matrimónio com uma mulher adúltera, que lhe haveria de gerar filhos de adultério (cf. Os 1,3; 3,1).

Mas, neste contexto, que sentido faz o libelo de repúdio secreto? Tal medida, se não expunha directamente Maria à difamação simplesmente a adiava: Maria ou teria o filho sendo solteira, o que era visto como acto imoral, ou então teria que se casar com outro (o presumível autor da concepção). Ou seja, esse libelo não seria secreto por muito tempo ⁷.

Acontece que toda a mulher repudiada era considerada impura ⁸, portanto a medida que José pretende aplicar a Maria acabará por expô-la a difamação.

A menos que consideremos outra hipótese explicativa, o texto não parece congruente.

historicidade deste relato, deveremos também admitir que Mateus o terá recebido de alguma fonte – oral ou escrita (é isso que parece demonstrar SEGALLA, G., *Una storia annunciata*, cit., passim) –, e que, portanto, não se deve pedir ao texto que seja totalmente congruente com a doutrina que se apresenta no resto do Primeiro Evangelho.

⁵ O texto usa o verbo *paralambanô*, composto pela proposição *para* e o verbo *lambanô* («receber», «tomar»), verbo que, quando tem «mulher» (*gynê*) por complemento, se usa também para significar a constituição de um matrimónio (cf. Mc 12,19-20; no lugar paralelo Mateus prefere *gêmas teleiô*, «concluir matrimónio», Mt 22,25), mesmo que seja mais frequente o termo «casar» (*gamizô*; Mt 22,30; 24,38).

⁶ A conclusão do matrimónio – *gêmas telos* em Mt 22,25 – é traduzida pela Neo-Vulgata como *ducere uxorem*, «conduzir a esposa», e já vimos que equivale em Mc 12,19-20 a *lambanein gynaika* «receber mulher».

⁷ M.-J. LAGRANGE pensa que José, conhece a gravidez de Maria através da mãe desta (cf. *Évangile selon saint Matthieu*, cit., 10). Este autor defende, para explicar a atitude de José, que este procuraria, por um lado, que Maria se pudesse casar com outro, talvez com o pai da criança, e, por outro, evitar o escândalo; no entanto conclui também com desânimo: «Mais le scandale n'était-il pas à la fin inévitable, et Joseph pouvait-il ainsi gagner autre chose qu'un dé lai?» (cf. *Ibid.*, 12).

⁸ De facto, assim se deduz de Lv 21,7, que indica aos sacerdotes: «Não tomarão por esposa uma mulher prostituta ou desonrada [isto é, que perdeu a virgindade] ou repudiada por seu marido»; e assim também defende DíEZ MACHO (A., *Indisolubilidad del matrimonio y divorcio en la Biblia. La sexualidad en la Biblia*, Fe católica, Madrid, 1978, 168).

b) A hipótese de suspeita de consagração

A outra hipótese explicativa é a de pensar que José não considerava aquela concepção como fruto de um adultério. Mas então porque temia ele receber Maria como esposa?

A resposta a esta pergunta parece ser a seguinte ⁹:

a) Maria tinha um propósito de virgindade (cf. Lc 1,34) cuja origem era sobrenatural, não cultural, pela ausência de apreço por este tipo de votos em Israel ¹⁰;

b) José era conhecedor e conivente com este propósito, caso contrário nem sequer seria válido ¹¹;

c) tal propósito poderia ser interpretado como uma consagração a Deus; se Maria era uma pessoa consagrada, ela não se poderia aplicar a nada profano, ou dito de outro modo, ela não poderia ser conduzida para a casa de José sob pena de profanação, a menos que a casa de José fosse um lugar sagrado.

Poderíamos então estabelecer que, se esta é a suspeita de José sobre Maria – a sua consagração a Deus –, o medo que sente de a receber é um temor reverencial pelo que é «santo», por tudo aquilo que está dedicado ou consagrado a Deus ¹². De algum modo José teria entendido que a concepção em vez de fruto de um adultério seria fruto da consagração de Maria, ou seja, fruto de Deus. ¹³

Mas esta hipótese não esclarece a razão pela qual José resolve dar a Maria, secretamente, um libelo de repúdio. Esse libelo permite a Maria casar com outro. Mas quem poderia receber Maria como esposa, sendo ela uma pessoa consagrada?

⁹ A exposição detalhada desta tese pode consultar-se em FERREIRA-MARTINS, J.M., *Os motivos do repúdio de Maria por José. Contributos para a teologia bíblica da indissolubilidade a partir de Mt 1,19, "Humanística e teologia"* 15 (1994) 285-301.

¹⁰ Sobre o propósito de virgindade de Maria cf. IDEM, *Os motivos do propósito de Maria. Contributos para a teologia bíblica sobre a virgindade cristã a partir de Lc 1,34, "Humanística e teologia"* 20 (1999) 235-258.

¹¹ Qualquer voto formulado por uma mulher, exceptuando o caso da viúva ou da repudiada, tinha que ser convalidado pelo seu pai, caso não estivesse casada, ou pelo marido (cf. Nm 30,4-16).

¹² Assim pensou S. Bernardo ao defender que José teria medo de receber Maria tal como Simão Pedro, no fim da pesca milagrosa tinha medo de continuar na presença de Jesus (cf. Lc 5,9s) ou o Centurião temia que o Senhor entrasse na sua casa (cf. MARTELET, B., *José de Nazaret, el hombre de confianza*, Palabra, Madrid, 1981³, 55-56).

¹³ Essa foi a solução que defendemos em *Os motivos do repúdio de Maria por José*, cit. E nesse caso as palavras do Anjo seriam dita no sentido de esclarecer que só o Menino era *santo*, i.e., consagrado, não a sua Mãe, que José poderia receber em sua casa.

Antes da concepção de Jesus, não podemos falar de medo por parte de José em receber Maria como esposa, mas simplesmente de uma decisão, tomada provavelmente em comum, de nunca chegarem a coabitar. Mas essa decisão é francamente perturbada pela concepção de um filho. Agora a situação entre os dois é insustentável sob pena da difamação de Maria. Uma atitude passiva de deixar passar o tempo faria recair sobre ela a suspeita de adultério, uma vez que ela não vivia com o marido e este dava a impressão de não a reconhecer como digna de ser admitida na sua casa, já que não concluía o matrimónio. Aos olhos de todos os que conhecessem o casal a difamação era inevitável, logo que fosse perceptível a gravidez. Uma vez que Maria tinha concebido, deixar passar o tempo equivalia ao repúdio secreto.

Então para que serve o libelo de repúdio?

O libelo de repúdio, em si, não resolve a questão: permite simplesmente a Maria ser recebida por outro, o que não fazia sentido, sendo ela uma pessoa consagrada, excepto se esse «outro» fosse um santuário, mas essa hipótese, além de estranha em si mesma, não corresponde ao sentir comum do judaísmo genuíno¹⁴.

c) A hipótese de abandono e o segredo de Maria

Ora bem, será que o texto fala mesmo de «libelo de repúdio»?

O texto usa o verbo *apolyô*, traduzido pela vulgata como *dimittere*, «despedir», «mandar embora», «deixar partir»¹⁵. No entanto, «despedir»

¹⁴ Apesar de alguns autores (cf. LAURENTIN, R., *Structure et théologie de Luc I-II*, cit., 181-188; LEGRAND, L., *La doctrina bíblica de la virginidad*, Verbo divino, Estella (Navarra), 35ss) pensarem que a virgindade consagrada já tem alguma expressão no judaísmo contemporâneo, nomeadamente nos movimentos essénios (cf. FLÁVIO JOSÉ, *Bellum iudaicum*, II, 8,2; QM [Rolo da Guerra] 7,3s), e no judaísmo egípcio (cf. FILÃO DE ALEXANDRIA, citado por EUSÉBIO DE CESAREIA, *In praep. Ev.*, VIII,11; PG 21,644), julgamos que os textos aduzidos não são conclusivos da existência de um fenómeno feminino de consagração em lugares próprios, na Palestina; menos ainda que aí se pudesse acolher uma mãe solteira sob pretexto de anterior consagração; o que parece certo é que os «monges» de Qumrán recebiam crianças e encarregavam-se delas (cf. IQsa [Apêndice ao Manual da Disciplina] 1,4-5; FITZMYER, J., *El Evangelio según Lucas*, vol. II, cit., 191; IDEM, *Qumran. le domande e le risposte essenziali sui manoscritti del Mar Morto*, Bréscia, 1994, 160-163); no entanto este dado serve bem para a situação de João Baptista (cf. Lc 1,80), mas não para a de Maria. Apesar de tudo, a investigação sobre a comunidade de Qumrán está longe de reconhecer que o local fosse habitado por Essénios ou por «monges» (cf. WISE, M. – ABEGG, M. – COOK, E., *Les Manuscrits de la mer Morte*, Plon, [sem indicação da cidade de publicação] 2001, 27-46).

¹⁵ Este verbo latino corresponde, em S. Mateus, à tradução de verbos como:

a) *aphiêmi*, «permitir», «deixar» (Mt 3,15; 8,22 = Lc 9,60).

não é sinónimo de «dar (ou escrever¹⁶) libelo de repúdio»: *dounai biblion apostasiou* (Mt 19,7)¹⁷.

Podemos até interrogar-nos sobre o sentido de «despedir» ou «mandar embora» uma mulher que ainda não vive com o seu marido. O «despedimento» da mulher realizava-se com o seu retorno à casa paterna, de onde Maria ainda não teria saído, uma vez que não se tinham realizado bodas.

Portanto, quando José pensa «despedir» secretamente a sua esposa, ele não a vai mandar embora, pelo menos fisicamente, excepto se não se encontram em Nazaré. Por outras palavras, se a observação da gravidez de Maria se verificou no decurso da sua visita a Isabel¹⁸, o «despedimento» poderia consistir no envio para a sua casa. Mas será isto um «despedimento»?

Cabe a possibilidade de que se empregue o verbo «mandar embora» no sentido de expulsar da própria família, desvincular, no sentido jurídico mas não no sentido físico ou locativo. Se assim fosse deveríamos concluir que o verbo «despedir» tem aqui, ao contrário do que sucede noutros passos do mesmo Evangelho, o sentido de «dar libelo de repúdio»¹⁹.

Mas se a desvincula de si, porque o faz secretamente? Se aqui o verbo «despedir» tem o sentido de «dar libelo de repúdio», qual o sentido de acrescentar o advérbio *lathra*, «ocultamente», «secretamente»? Uma vez que não vai existir nenhum reflexo externo desta operação – ela não vai mudar de casa – o despedimento é oculto, excepto se José pretender denunciar alguma coisa em Maria, o que já vimos que não é o caso.

Perante estas dificuldades surge a suspeita de que o verbo *apolyô* tenha aqui, não um sentido de «despedir», mas de «abandonar», de «deixar».

b) *apolyô*, no sentido de «mandar embora» ou «despedir» quaisquer pessoas (Mt 14,15 = Mc 6,36; Lc 9,12)

c) *apolyô*, no sentido de «despedir» a esposa, de a «deixar partir» para casa do seu pai (Mt 19,3.7.8.9 = Mc 10,2.4.11.12).

¹⁶ Cf. Mc 10,4.

¹⁷ Tanto em Mt como em Mc a expressão é «dar (ou escrever) o libelo de repúdio e despedir», indicando duas operações distintas, nas quais a segunda é consequência da primeira mas não se identificam completamente.

¹⁸ A crer na informação de Lucas, Maria terá permanecido com Isabel por três meses; se José a fosse buscar à Judeia poderia notar alguma pequena transformação fisiológica na sua esposa.

¹⁹ Como já vimos (cf. nota n.º 17) «despedir» e «dar libelo de repúdio» são operações diferentes e correspondem a diferentes expressões gregas; quando os fariseus perguntam a Jesus sobre qual o motivo pelo que se pode «despedir a mulher», estão a perguntar-lhe sobre o motivo pelo que se pode mandar a mulher para casa do seu pai (cf. Mt 19,3 = Mc 10,2); só depois é que, perante a resposta de Jesus, descem ao pormenor da formalidade jurídica prescrita por Moisés de ter que entregar um documento.

José não terá pretendido despedir Maria, mas deixá-la secretamente. E com isto que resolvia? Com tal medida José solucionava os seguintes problemas:

- a) aos olhos dos estranhos, Maria teria concebido de José, não de um adultério, o que não a difamava;
- b) mantinha-se a sua consagração a Deus, caso fosse esse o problema que atormentava José, porque continuaria a viver em sua casa;
- c) o desaparecimento de José, de modo inesperado e sem explicação – este o sentido do advérbio *lathra* –, fazia pensar que fugira por não querer suportar os encargos da paternidade e acabava por fazer cair sobre ele a difamação²⁰.

É evidente que tal decisão não era cómoda para José, e que, se a nossa lógica é correta, obrigava a antecipar a Maria um bom «fundo de maneio» para as necessidades mais imediatas, durante os próximos tempos; mas esta medida, por dura que fosse, era a única que permitia uma solução do caso.

Chegados a este ponto, voltemos à cronologia dos acontecimentos. A manutenção da sequência Anunciação-Visitação-Anúncio a José faz supor que Maria terá mantido em segredo a concepção. Isto é, José teria sabido que ela estava grávida só no regresso da Visitação e por sinais externos²¹.

Assim, uma vez que os sinais externos da gravidez são captáveis para qualquer pessoa que observe Maria de perto, o desaparecimento de

²⁰ O homem que não concluiu o matrimónio com a pessoa que lhe estava prometida e a deixava grávida era tido como um covarde, como alguém que não tinha palavra. Judá tinha mandado a sua nora, Tamar, para casa dos pais dela, por ter medo de lhe dar o seu terceiro filho, Sela, uma vez que os dois mais velhos, Her e Onan, a tinham desposado e tinham morrido. Pela lei do levirato, Sela devia desposar Tamar e Tamar tinha direito a este casamento. Mas Judá mandou-a para casa de seu pai, enquanto Sela não se tornava adulto. Como o tempo passava, Tamar teve medo de ficar assim indefinidamente e prostituiu-se com Judá, sem que este se apercebesse, e concebeu dele. Ao pretender punir a nora, uma vez que ela pertencia ao seu filho, Sela, ela revelou-lhe ter sido ele o pai da criança. Então Judá reconheceu: «Ela tem mais razão do que eu, porque eu não a dei a Sela, meu filho» (Gn 38,26). Ou seja, a inconclusão de um matrimónio – neste caso de Tamar com Sela – por quem tinha poder para o fazer, é tido como um acto mais sujo do que a relação da nora com aquele que tinha obrigação de a casar.

²¹ Assim, o interpreta CASCIARO (J.M. (dir.), *Bíblia Sagrada. Santos Evangelhos*, Teológica, Braga, 1986, 115-116) ao comentar: «José considerava santa a sua esposa não obstante os sinais da sua maternidade. Por isso se encontrava perante uma situação inexplicável para ele. Procurando precisamente actuar de acordo com a vontade de Deus sentia-se obrigado a repudiá-la, mas, com o fim de evitar a infâmia pública de Maria, decide deixá-la privadamente. É admirável o silêncio de Maria. A sua entrega a Deus leva-a inclusivamente a não defender a sua honra e a sua inocência. Prefere que caia sobre Ela a suspeita e a infâmia, a manifestar o profundo mistério da Graça» (os sublinhados são nossos). LAGRANGE, como já vimos (cf. n. 7), pensa que não foi a observação directa de José mas a da mãe de Maria – uma pessoa que estaria próxima –, a origem do conhecimento da gravidez.

José concede uma explicação. Mas como se deu a concepção se José e Maria nunca conviveram e ela vive ainda, presumivelmente em casa dos seus pais? Ora para sustentar a hipótese de que o verbo *apolyô* signifique «abandono» e não «despedimento» é necessário admitir que a Visitação se realiza pelo casal, conjuntamente, e não só por Maria.

Só que uma viagem conjunta de Maria e José, de Nazaré até Belém significa o início da convivência em contradição com as palavras de Mt 1,18, e aqui reside a insuficiência do nosso percurso exegético. O texto mantém a sua obscuridade e o investigador sente a limitação de todo o seu trabalho²².

Conclusão

A manutenção da sequência cronológica Anunciação – Visitação – Sonho oferece sérias dificuldades à hora de interpretar a decisão de José. Assim:

- a) a hipótese de suspeita de adultério justificaria a escrita de um libelo de repúdio secreto mas tropeça com o facto de que se acaba por expor Maria à difamação;
- b) a hipótese de consagração explicaria bem que o medo de José não se referia a uma suspeita de adultério mas à atribuição da gravidez a uma intervenção divina mas deixa por explicar a decisão de despedimento, que parece redundante;
- c) a hipótese de abandono de Maria solucionaria a situação do ponto de vista da difamação da esposa mas obriga a antecipar a convivência mútua.

²² Em toda a bibliografia consultada não se vislumbra solução para o problema; nós próprios chegámos mesmo a pensar que José poderia ter planeado desvincular-se de Maria por ter tido conhecimento do voto de virgindade, o qual só teria sido formulado depois dos desponsórios, e sem ter tido ainda conhecimento da concepção (cf. FERREIRA-MARTINS, J.M., *A Família de Jesus segundo os Evangelhos da Infância. Contributos para a exegese de Mt 1-2 e de Lc 1-2*, tese de doutoramento, *pro manuscripto*, Univ. Navarra, Pamplona, 1992, 243-259), embora mais tarde tenhamos rectificado a nossa posição (cf. IDEM, *Os motivos do repúdio de Maria por José*, cit.). As outras propostas de solução, além de variadas, não acrescentam muito à questão.

2. A abordagem de São Josemaría ao Evangelho

São Josemaría Escrivá de Balaguer²³, para além de todos os contributos que teve na espiritualidade e teologia do laicado, foi um homem que propôs com viveza uma abordagem das Escrituras que nos parece particularmente fecunda²⁴.

Essa abordagem não consiste numa técnica apurada ou num conhecimento erudito do texto sagrado, embora não se oponha ao estudo e à organização metódica; é simplesmente um método, um procedimento. Ela apresenta sobretudo uma grande acessibilidade, congruente, aliás, com os destinatários da sua pregação: homens e mulheres, de todas as raças, de todas as condições e de todas as idades.

²³ Josemaría Escrivá de Balaguer, nasceu em Barbastro (Huesca, Espanha) a 9 de Janeiro de 1902. Recebeu o Presbiterado no dia 28 de Março de 1925, em Saragoça. A 2 de Outubro de 1928, em Madrid, conheceu que Deus lhe pedia que fundasse o Opus Dei, um novo caminho de santificação no meio do mundo, através do exercício do trabalho profissional e no cumprimento dos deveres correntes do cristão. A 14 de Fevereiro de 1930 soube que era vontade divina que essa mensagem fosse dirigida também às mulheres e no dia 14 de Fevereiro de 1943 fundou a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz. Desde 1946 residia em Roma, onde veio a falecer com fama de santidade a 26 de Junho de 1975. O Opus Dei tinha-se já espalhado por todo o mundo e viria a ser erigido como Prelatura Pessoal a 28 de Novembro de 1982. No dia 17 de Maio de 1992 foi beatificado por sua Santidade o Papa João Paulo II, e a 6 de Outubro de 2002 canonizado. Deixou numerosos escritos entre os quais nos vão ser particularmente úteis os seguintes: *Amigos de Deus. Homilias*, Rei dos Livros, 1993³; *Cristo que passa. Homilias*, Prumo-Aster, Lisboa, 1977²; *Caminho*, Prumo-Rei dos Livros, Lisboa, 1998¹⁹; *Sulco*, Prumo-Rei dos Livros, Lisboa, 1987; *Forja*, Prumo-Rei dos Livros, Lisboa, 1988; *Santo Rosário*, Prumo-Rei dos Livros, Lisboa, 1982⁴.

²⁴ É difícil classificar esta abordagem como *original*, não só por não pretender a originalidade, enquanto expressão da diferença em relação ao sentir comum da Igreja, como por se basear no texto evangélico mais do que em quaisquer outros conhecimentos. S. GAROFALO parece-nos ter acertado ao afirmar que São Josemaría ao querer encontrar uma fonte na qual apoiar-se para fundamentar a espiritualidade que Deus tinha suscitado na sua alma, acabou por ir procurá-la «directamente en el Evangelio» (*El valor perenne del Evangelio*, cit., 141); ele próprio definia o Opus Dei como «velho como o Evangelho e como o Evangelho novo» (ESCRIVÁ, J., *Temas actuales do cristianismo. Entrevistas com o Fundador do Opus Dei*, Prumo-Rei dos Livros, Lisboa, 1984, n. 24); por isso, continua o exegeta italiano, o uso dos Padres (com preferência por S. João Crisóstomo, S. Ambrósio, S. Agostinho e S. Leão Magno), «están añadidos a las palabras recogidas directamente [na Sagrada Escritura]», e os autores espirituais ou teólogos (especialmente S. Tomás de Aquino) «tienen más bien una función de apoyo y de ilustración que de fuente doctrinal» (Ibidem, 142). Dentro deste contexto pode-se entender o que afirma Mons. A. DEL PORTILLO: «El Padre [refere-se ao santo] meditó asiduamente los versículos del Nuevo Testamento y puso de relieve aspectos nuevos, a veces inadvertidos durante siglos. No consideraba la Sagrada Escritura como un depósito inerte, sino como instrumento vital del que el Señor se sirve para infundir vida sobrenatural a quienes la leen con humildad y deseos de aprender. (...) Una prueba elocuente es la originalidad de sus comentarios a los textos sagrados» (*Entrevista sobre el Fundador del Opus Dei. Realizada por Cesare Cavalleri, Rialp, Madrid, 1993*, 148-149). Cf. também HAHN, S., *Amar apasionadamente la Palabra de Dios. El uso de las Escrituras en los escritos de San Josemaría*, «Romana» 18 (2002) 376-385.

a) Textos

Vejamos alguns textos para deles podermos tirar conclusões²⁵:

«Eu aconselho-te a que, na tua oração, intervenhas nas passagens do Evangelho, como mais uma personagem²⁶. Primeiro, imaginas a cena ou o mistério, que te servirá para te recolheres e meditates. Depois, aplicas o entendimento, para considerar aquele rasgo da vida do Mestre: o seu Coração enternecido, a sua humildade, a sua pureza, o seu cumprimento da Vontade do Pai. Conta-lhe então o que te costuma suceder nestes assuntos, o que se passa contigo, o que te está a acontecer. Mantém-te atento, porque talvez Ele queira indicar-te alguma coisa ...»²⁷.

Parêce, portanto, poder deduzir-se que a abordagem se dá:

a) «na oração», isto é, enquanto a pessoa não só lê o Evangelho mas procura entrar em diálogo com Deus;

b) requer o uso da imaginação – «imaginas a cena» – e da inteligência – «aplicas o entendimento» –, embora ainda não se nos indique de que modo exacto interagem as duas potências;

c) o resultado parece ser a introdução daquele que medita na própria cena²⁸: «conta-lhe então (...) talvez Ele queira indicar-te alguma coisa»; o *então* talvez não indique só o momento para começar a falar mas a circunstância do diálogo, localizado na própria cena evangélica; o *Ele* já não seria Cristo considerado em abstracto, mas o Jesus dessa mesma cena.

Numa homilia considerada como o seu programa para a vida espiritual, à qual deu o título de «Rumo à santidade»²⁹, afirmava:

²⁵ Não podemos apresentar todos os textos relevantes sob pena de tornar o estudo excessivamente pesado; a selecção feita é discutível e temos consciência da sua limitação; de qualquer modo, procurámos apoiar-nos mais nas homilias, do que nas restantes obras pela mesma razão que fazia afirmar S. GAROFALO: «En las Homilias, sin embargo, se distiende, prolonga sus pensamientos desarrollándolos a su gusto, y, puesto que consisten en un hablar a sus hijos de corazón a corazón, en la presencia de Cristo, es más fácil sorprender en ellas momentos de abandono sobrenatural, que desvelan su rostro interno» (*El valor perenne del Evangelio*, cit., 136).

²⁶ A tradução do original castelhano *como un personaje más*, parece-nos mais correcta deste modo em vez da que escolheu o tradutor da edição portuguesa que seguimos: «como uma personagem mais».

²⁷ *Amigos de Deus*, cit., n. 253. Este texto é também considerado por S. GAROFALO como a apresentação do seu método (cf. *El valor perenne del Evangelio*, cit., 143-144).

²⁸ «Mons. Escrivá “entra” y “hace entrar” en el Evangelio» (GAROFALO, S., *Ibidem*, 142).

²⁹ Foi pronunciada no dia 26 de Novembro de 1967.

«Seguir Cristo: este é o segredo. Acompanha-lo tão de perto, que vivamos com Ele, como os primeiros doze; tão de perto que com Ele nos identifiquemos. Se não levantarmos obstáculos à graça, não tardaremos a afirmar que nos revestimos de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Rm 13,14). O Senhor reflecte-se na nossa conduta como num espelho. Se o espelho é como deve ser, captará o rosto amabilíssimo do nosso Salvador sem o desfigurar, sem caricaturas: e os outros terão a possibilidade de o admirar, de o seguir.»³⁰

Ao referir um «segredo», aparentemente não revela nenhum: «seguir Cristo». Estaria portanto a indicar um sentido para a palavra *segredo*, não como algo desconhecido, mas como algo chave, fundamental. O segredo, no entanto, vem a seguir: para poder seguir Cristo é necessário conhecer o seu *caminhar*. A ideia parece óbvia mas envolve uma transformação no próprio seguidor. Se qualquer cristão se diz «seguidor de Cristo»³¹, para aquele que vive a dois mil anos de distância esta operação apresenta-se cheia de dificuldades. Mas parece que a introdução do «seguidor» nas cenas do Evangelho pode ser uma solução.

Depois, que o «seguidor» reflita Aquele a quem segue é obra que não lhe pertence totalmente a ele. Ao «seguidor» compete a tarefa de se introduzir, por assim dizer, *em cheio* no próprio Evangelho³².

³⁰ *Amigos de Deus*, cit., n. 299.

³¹ O *Catecismo da Igreja Católica* (Gráfica de Coimbra – Lib. Ed. Vaticana, Coimbra, 1993), fala de Cristo como «nosso modelo», que nos convida a segui-lo (n. 520), cita a Const. *Gaudium et spes*, n. 22, para afirmar que Ele Se uniu, «de certo modo, a cada homem», e que cada homem pode associar-se a Cristo, ao segui-Lo com a Cruz, «por um modo só de Deus conhecido» (n. 618). Este teor misterioso do seguimento de Cristo é o que São Josemaría trata de aplicar.

³² Outros textos: «E para aprender d'Ele é preciso conhecer a Sua vida: ler o Santo Evangelho, meditar no sentido divino do caminho terreno de Jesus. Na verdade, temos de reproduzir na nossa a vida de Cristo, conhecendo Cristo à força de ler a Sagrada Escritura e de a meditar, à força de fazer oração, como agora estamos fazendo diante do Presépio.» (*Cristo que passa*, cit., n. 14); «Esses minutos diários de leitura do Novo Testamento – metendo-te e participando no conteúdo de cada cena, como mais um protagonista –, são para que encarnes, para que “cumpras” o Evangelho na tua vida... e para “o fazer cumprir”» (*Sulco*, cit., n. 672); «Vive junto de Cristo! Deves ser, no Evangelho, mais uma personagem, convivendo com Pedro, com João, com André..., porque Cristo também vive agora: “Jesus Christus, heri et hodie, ipse et in saecula!” Jesus Cristo vive!, hoje como ontem; é o mesmo, pelos séculos dos séculos (*Forja*, cit., n. 8; cf. também nn. 322 e 754). O actual Bispo Prelado do Opus Dei reporta uma frase da sua memória sobre o Fundador: «leed el Evangelio, vivid el Evangelio, amad el Evangelio, sacad puntos de meditación de la lectura del Evangelio y del Nuevo Testamento; procurad verter la riqueza de esos libros en las vidas de las personas que se acerquen a vuestra dirección o a vuestro trato: que por vuestro conocimiento de la vida de Dios, se pueda decir con realidad que tratáis a Jesucristo, que por vuestro conocimiento de la vida de Dios, se pueda decir con realidad que tratáis a Jesucristo, que conocéis a Jesucristo, que amáis a Jesucristo, que imitáis a Jesucristo» (ECHEVARRÍA, J., *Memória del Beato Josemaría Escrivá. Entrevista con Salvador Bernal*, Rialp, Madrid, 2000³, 251).

«Mas para ser *ipse Christus* é preciso *mirar-se* Nele. Não basta ter uma ideia geral do espírito que Jesus viveu; é preciso aprender com Ele pormenores e atitudes. É preciso contemplar a sua vida, sobretudo para daí tirar força, luz, serenidade, paz. Quando se ama alguém, deseja-se conhecer toda a sua vida, o seu carácter, para nos identificarmos com essa pessoa. (...) Na verdade, não se trata apenas de pensar em Jesus e de imaginar aqueles episódios; temos de meter-nos em cheio neles, como actores»³³.

Neste texto, explica-se-nos que a tarefa de introdução nas cenas implica um descer a todos os pormenores, ou seja, uma aplicação de toda a atenção às mínimas particularidades do texto, que possam ajudar a ambientá-lo e a situar a actuação das personagens, de modo que o «seguidor» seja mais um. Tudo isto parece arrancar da convicção da historicidade e da transcendência meta-histórica dos factos narrados no texto evangélico, que participam, por assim dizer, do próprio mistério de Cristo. É, portanto, uma leitura que se baseia na fé³⁴.

A eficácia deste procedimento levava São Josemaría à seguinte conclusão:

«Se, em cada momento, não tiramos do Evangelho consequências para a vida actual, é porque não meditamos nele suficientemente»³⁵.

Este último texto aponta para uma graduação na forma como o «seguidor» se introduz no Evangelho; existem introduções «insuficientes», o que parece querer dizer que não chegam a envolver o sujeito tanto quanto seria possível, e isso seria imputável a ele próprio. Ou seja, a introdução na cena evangélica tem que chegar a significar uma real experiência de vida. A pessoa que se introduz ficaria com a sensação de ter estado lá, de ter sido um interveniente daquele facto histórico.

³³ *Amigos de Deus*, cit., n. 107. A consequência é acrescentada a seguir: «Sentir-nos-emos assim metidos na sua vida; temos de seguir Cristo tão de perto como Santa Maria, sua Mãe; como os primeiros Doze; como as santas mulheres; como aquelas multidões que se apertavam ao Seu redor.» (*Ibidem*).

³⁴ Neste sentido se poderia inserir o seguinte pensamento exprimido em *Caminho*: «Não sou “milagreiro”. – Disse-te já que me sobejam milagres no Santo Evangelho para firmar fortemente a minha fé. – Mas dão-me pena esses cristãos – até piedosos, “apostólicos”! – que sorriem quando ouvem falar de caminhos extraordinários, de factos sobrenaturais. – Sinto desejos de lhes dizer: sim, também agora há milagres; nós próprios os faríamos se tivéssemos fé!» (n. 583).

³⁵ *Amigos de Deus*, cit., n. 160. Um outro texto que se assimilaria a este é o seguinte: «Oxalá fossem tais as tuas atitudes e as tuas palavras, que todos pudessem dizer quando te vissem ou ouvissem falar: “Este lê a vida de Jesus Cristo”» (*Caminho*, cit., n. 2).

Parece, porém, que estamos perante dois elementos difíceis de compaginar:

a) por um lado, a convicção de que os factos evangélicos se deram realmente na história, ou seja, que não são um recurso meramente narrativo, uma ideia teológica exprimida através de uma história, tal como as parábolas,

b) e, por outro, a possibilidade de que um homem noutra contexto histórico e geográfico tenha uma experiência existencial na cena descrita nos Evangelhos.

b) Uma explicação teológica

Diante da questão que acabamos de apresentar, somos obrigados a recuperar todos os elementos extraídos dos textos. Assim poderíamos resumir-los nos seguintes:

a) carácter dialógico: a abordagem da Escritura faz-se não só em diálogo de oração, com Deus, como também através da procura do diálogo com o Jesus histórico, tal como Ele surge no relato evangélico; portanto, aquele que lê o texto deve estar aberto ao diálogo, a um diálogo peculiar uma vez que a pessoa com quem dialoga, não lhe é fisicamente presente; exige-se, por parte de quem se introduz, uma decisão de aplicar todos os seus recursos: atenção ao texto, imaginação, e inteligência para a compreensão do próprio texto; se tal introdução se fizer de modo hesitante, com alguma suspeita, estaríamos perante um caso de insuficiência por inexistência de verdadeira abertura ao diálogo;

b) carácter teológico: a abordagem da Escritura pressupõe que, através dela Deus actua hoje naquele que a lê; Jesus, que falou há dois mil anos àqueles que O conheceram, está activo também hoje através dos textos que recolhem as suas palavras de ontem³⁶; a presença do Jesus histórico àquele que lê o texto que relata precisamente a sua existência histórica, corresponde, portanto, ao próprio mistério de Cristo; esta presença dá-se pelo

³⁶ Talvez valha a pena lembrar um texto já apresentado numa nota anterior: «Vive junto de Cristo! Deves ser, no Evangelho, mais uma personagem, convivendo com Pedro, com João, com André..., porque Cristo também vive agora: "Jesus Christus, heri et hodie, ipse et in saecula!" Jesus Cristo vive!, hoje como ontem; é o mesmo, pelos séculos dos séculos (Forja, cit., n. 8). Parece, neste ponto de Forja, que se une a leitura do Evangelho ao facto de Jesus «ser o mesmo», «ontem e hoje», tal como ensina Hb 13,8.

Espírito Santo³⁷, que é o Autor principal do texto sagrado, tanto da sua materialidade, como da sua transmissão, e é também o responsável, segundo a promessa do próprio Jesus, pela condução do seu «seguidor» à verdade plena (cf. Jo 16,12-14)³⁸; é, portanto, o Espírito Santo quem torna presente Cristo a cada homem, e quem permite ao cristão entrar em contacto com o Jesus histórico;

c) carácter eficaz: a abordagem da Escritura produz um efeito real de identificação com Jesus; aquele que se introduz nas cenas evangélicas acaba por reflectir a imagem de Cristo como «num espelho», por reproduzir o próprio Cristo, de tal modo que se torna, para os outros, mediador de Deus; esta eficácia transformadora é atribuível aos dois pontos anteriores (abertura ao diálogo sobrenatural e acção de Deus através da Escritura).

Estes três elementos correspondem àquilo que já se sabia e é doutrina perene da Igreja, mas não parece que alguma vez se tenha formulado deste modo.

Podemos resumir a doutrina comum nos seguintes aspectos:

a) a Revelação divina tem um carácter histórico e dialógico, quer com o homem que a recebeu directamente, quer com aquele que a recebeu

³⁷ O *Catecismo da Igreja Católica*, ensina que toda a presença de Jesus aos homens se dá pelo Espírito Santo; assim, depois de citar o texto de 1 Co 12,3 – «Ninguém pode dizer "Jesus é o Senhor" a não ser pela acção do Espírito Santo» –, afirma: «Este conhecimento de fé [em Jesus Cristo como Filho de Deus] só é possível no Espírito Santo. Para estar em contacto com Cristo, é preciso primeiro ter sido tocado pelo Espírito Santo» (n. 683); ensina ainda que a missão do Filho é inseparável do Espírito Santo: «Quando o Pai envia o seu Verbo, envia sempre o seu Sopro (...) Sem dúvida, é Cristo quem aparece, Ele que é a imagem visível de Deus; mas é o Espírito Santo quem O revela» (n. 689).

³⁸ A propósito da intervenção do Espírito Santo na abordagem à Escritura que São Josemaría propunha pode ser conveniente ter em conta o seguinte testemunho do seu primeiro sucessor, à frente do Opus Dei: «Vivía de la palabra de Dios. Como prueba de veneración hacia la Sagrada Escritura, a menudo introducía sus citas con las palabras: "Dice el Espíritu Santo...". No era un simple modo de decir, sino un auténtico acto de fe, que ayudaba a sopesar el valor eterno, y toda la verdad que contienen palabras a las que podemos acabar por acostumbrarnos» (DEL PORTILLO, A., *Entrevista sobre el Fundador del Opus Dei*, cit., 150). Prova desta identificação entre o texto e a palavra de Deus é a frase que a seguir reportamos: «Como a Nosso Senhor, também a mim me agrada falar de barcas e redes, para que todos tiremos, dessas cenas evangélicas, propósitos firmes e concretos» (*Amigos de Deus*, cit., n. 21); a frase pertence à homilia «A grandeza da vida corrente» e introduz a cena da pesca milagrosa (Lc 5,1-11). Ora é evidente que este «Nosso Senhor» não é Jesus; Jesus não fala nem de barcas nem de redes na sua pregação (com excepção da parábola da rede de arrasto de Mt 13,47-50); de facto, Jesus, diz a Simão que se faça ao largo e que lancem as redes para pescar (Lc 5,4), e noutros momentos ordena que dirijam a barca para o outro lado do lago (cf. Mc 4,35; 6,31-32; etc.), mas dizer que Ele gostava de falar de barcas e de redes não se refere às suas ordens mas ao assunto da pregação. Assim devemos concluir que aqui «Nosso Senhor» se identifica com o próprio narrador, o Espírito Santo, Autor do relato.

por transmissão fiel (de forma oral ou escrita); neste sentido interpela o homem e pede-lhe uma resposta que é livre ³⁹.

b) a Revelação divina dá-se plenamente em Cristo, de tal modo que Ele é, simultaneamente, Mediador e plenitude de toda a Revelação, e, como consequência, não se deve esperar outra Revelação; o acesso de cada homem à Revelação faz-se mediante a Igreja, a qual a recebe como depósito e a transmite com fidelidade, através da assistência do Espírito Santo ⁴⁰;

c) a Revelação divina não só requer uma resposta de fé do seu destinatário como produz neste uma transformação real, ontológica, uma vez que ela não se reduz a uma doutrina mas é uma Pessoa, e uma Pessoa que vive glorificada, numa existência que transcende os limites do espaço e do tempo ⁴¹.

Em resumo: a resposta à questão consiste em negar uma introdução física daquele que usa esta abordagem, no contexto histórico que a cena apresenta, e em afirmar simultaneamente uma introdução mística, que pelo facto de ser misteriosa não é menos real. Trata-se de uma certa participação do próprio mistério de Cristo, do mistério da sua Encarnação ⁴²: ao assumir a Humanidade no tempo, o Filho de Deus transformou o tempo que assumiu dando-lhe um valor transcendente de plenitude, e permitiu, de algum modo, que cada homem possa viver esse mesmo tempo de Jesus porque é o centro da história ⁴³.

³⁹ Cf. Const. Dogm. *Dei Verbum*, n. 2; *Catecismo da Igreja Católica*, cit., nn. 50-141; OCÁRIZ, F. – BLANCO, A., *Revelación, fe y credibilidad. Curso de teología fundamental*, Palabra, Madrid, 1998, 150-161.

⁴⁰ Cf. Const. Dogm. *Dei Verbum*, nn. 7-8 e 10-11; OCÁRIZ, F. – BLANCO, A., *Revelación, fe y credibilidad*, cit., 102-120.

⁴¹ Cf. OCÁRIZ, F. – BLANCO, A., *Revelación, fe y credibilidad*, cit., 277-302.

⁴² JOÃO PAULO II, depois de citar o texto da Enc. *Divino afflante Spiritu* em que se afirma que assim «como a Palavra substancial de Deus Se fez semelhante em tudo, excepto no pecado, assim também a palavra de Deus, expressa em linguagem humana, se assemelhou em tudo à linguagem humana, excepto no erro» (EB 559), comenta: «Retomada quase literalmente pela Constituição conciliar *Dei Verbum* (n. 13), esta afirmação põe em destaque um paralelismo rico de significado» (*Discurso*, cit. em n. 1, n. 6). Esse paralelismo entre a Encarnação e Palavra de Deus contida no Evangelho parece ser assumido e explorado na abordagem da Escritura a que nos estamos a referir.

⁴³ Assim, se pode ler também: «Em Jesus Cristo, Deus não só fala ao homem, mas procura-o.» (JOÃO PAULO II, Carta Enc. *Tertio millennio adveniente*, n. 7); «No cristianismo, o tempo tem uma importância fundamental. (...) Em Jesus Cristo, Verbo encarnado, o tempo torna-se uma dimensão de Deus» (*Ibidem*, n. 10).

c) O «Santo Rosário»

Dentro da abordagem da Escritura que São Josemaría Escrivá praticou e ensinou, insere-se uma obra de reduzida dimensão e que pretendia ser um guia, ou uma ajuda, para a recitação do Rosário mariano. Ela surgiu em dia que não se conhece ao certo, de Dezembro de 1931 ⁴⁴, embora só venha a ser publicada em 1934.

O ano de 1931 está cheio de intervenções íntimas da graça na vida espiritual do santo; parece que os dias que precedem imediatamente e seguem o seu aparecimento estão marcados por moções interiores que o inclinavam à infância espiritual ⁴⁵, e que o momento da sua redacção foi repentino, depois da acção de graças da Missa, de uma só tirada ⁴⁶.

Aquilo que «Santo Rosário» acrescenta ao método, já antes analisado, consiste:

a) por um lado, num resultado: apresentam-se as cenas evangélicas que se contemplam nesta prática de piedade, como se estivessem a ser realmente presenciadas, vistas ⁴⁷;

b) por outro, num novo elemento do método: a infância espiritual, que está presente tanto no Prólogo, como se se tratasse de um segredo ⁴⁸, como em cada uma das cenas, de forma explícita ou implícita ⁴⁹.

⁴⁴ Parece que se deve situar entre 1 e 7 de Dezembro, segundo indica o biógrafo mais exaustivo do Fundador do Opus Dei (cf. VÁZQUEZ DE PRADA, A., *El Fundador del Opus Dei. Vida de Josemaría Escrivá de Balaguer. I: ¡Señor, que vea!*, Rialp, Madrid, 1999⁵, 409).

⁴⁵ VÁSQUEZ DE PRADA nota que, entre Dezembro de 1931 e Janeiro de 1932, se intensificam as ideias relativas à infância espiritual nas suas notas pessoais (cf. *Ibidem*, 408).

⁴⁶ Assim o referem AZEVEDO (H., *Uma luz no mundo. Vida do Servo de Deus Monsenhor Josemaría Escrivá, Fundador do Opus Dei*, Rei dos Livros, Lisboa, 1988, 92-93) e DELCAUX (F., *Santa Maria nos escritos do Beato Josemaría Escrivá*, Rei dos Livros, Lisboa, 1996, 40).

⁴⁷ É isso provavelmente o que leva C. CAVALLERI a envolver numa das suas perguntas a Mons. DEL PORTILLO, sem que este o desminta, a seguinte afirmação: «La familiaridad del Fundador con la Sagrada escritura se comprueba en las homilias publicadas, y especialmente en su libro Santo Rosario, donde se ejemplifica gráficamente aquel consejo suyo de meterse en las escenas evangélicas como un personaje más» (*Entrevista sobre el Fundador del Opus Dei*, cit., 147).

⁴⁸ «Hei-de revelar a esses homens um segredo que muito bem pode ser o começo do caminho por onde Cristo quer que sigam. Meu amigo: se tens desejos de ser grande, faz-te pequeno» (*Santo Rosário*, cit., Prólogo).

⁴⁹ «Não te esqueças, meu amigo, de que somos meninos» (*Santo Rosário*, «Anunciação»); «Agora, menino amigo, espero que já saibas desembaraçar-te» (*Ibidem*, «Visitação»); «Sou um escravo de José. – Que bom é José! Trata-me como um pai a um filho» (*Ibidem*, «Nascimento de Jesus»); «Aprenderás com este exemplo, meu pateta,...» (*Ibidem*, «Purificação da Virgem»); «Eu, como sou um criadito rústico,...» (*Ibidem*, «O menino perdido»); «E Pedro adormeceu. – E os outros apóstolos. – E adormeceste tu, meu pequeno amigo,...» (*Ibidem*, «Oração no horto»), etc.

É este novo elemento – a infância espiritual – que gostaríamos de estudar para concluir a nossa análise sobre a abordagem da Escritura.

Existem nas crianças características que se adaptam bem às premissas que antes apresentámos e a infância espiritual acaba por ser, não só compatível, mas um elemento potenciador da abordagem que São Josemaría propôs.

a) De facto, as crianças parecem ter uma maior propensão para o diálogo, que já vimos ser um elemento fundante da abordagem; esta propensão juntamente com o gosto pela imaginação, e por tornar reais, dialogando com elas, cenas que não estão a ver com os seus sentidos físicos, tornam a tarefa de representação e de introdução mais fácil ⁵⁰.

b) Por outro lado, a intervenção do Espírito Santo na vida de infância espiritual é evidente ⁵¹; a infância espiritual, ao ser «espiritual» é resultante da acção do Espírito, e corresponde à confissão de Jesus: «Eu Te confesso, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos prudentes, e as revelaste aos pequeninos» (Mt 11,25).

c) Por fim, as crianças tendem à imitação dos adultos, o que confere à infância espiritual uma eficácia acrescida ⁵².

No entanto, não devemos pensar que São Josemaría tivesse em mente, como seus destinatários, pessoas acriançadas, mimalhas, caprichosas ⁵³. A infância espiritual é perfeitamente compatível com a maturidade

⁵⁰ Além disso, uma criança não pode ser afastada da proximidade de Jesus por muito que a sua presença impeça, tal como é referido em Mt 19,13-15 e par.

⁵¹ Assim se recolhe em *Caminho* a seguinte ideia, que é a primeira das que ilustram este capítulo: «Procura conhecer a “vida de infância espiritual”, sem “te forçares” a seguir esse caminho. – Deixa agir o Espírito Santo» (n. 852).

⁵² Esta eficácia parece reflectir-se na máxima evangélica de que das crianças «é que é o Reino dos Céus» (Mt 19,24). A mesma ideia se formula de outro modo: «Menino: quando o fores de verdade, serás omnipotente» (*Caminho*, n. 863).

⁵³ É ele mesmo quem o diz no seu Prólogo a esta obra: «Estas linhas não se escrevem para mulherzinhas. Escrevem-se para homens bem barbados e bem homens que elevaram alguma vez, sem dúvida, o coração a Deus». Em 1931, notemo-lo, já São Josemaría sabia que Deus lhe pedia que fizesse o seu trabalho apostólico com mulheres, portanto «homens bem barbados e bem homens» não é uma expressão depreciativa para as mulheres, mas para aqueles homens que se comportam com pouca virilidade. Uma mulher, Jutta BURGGRAF, estuda este ponto com alguma atenção; ela pergunta se a infância espiritual não será uma irresponsabilização: «Si pone comunque la domanda su come sia conciliabile questo atteggiamento con la tendenza alla santità in mezzo al mondo. Può un padre di famiglia non preoccuparsi di nulla? Non deve programmare il futuro dei suoi figli? Non deve assicurare la buona riuscita di tutto? Non si richiede una certa astuzia per usare dei diritti in uno stato liberale? La domanda in fondo è: può un cristiano che sta nel mondo dare l'impressione che chi segue Cristo si comporti come un bambino? Per il Fondatore dell'Opus Dei non esisteva questo problema, non vedeva nessuna contraddizione fra un comportamento semplice e autentico nei confronti di Dio e degli uomini, e

cristã, a objetividade e a seriedade no trabalho profissional, sob pena de se introduzir uma contradição nos próprios termos da pregação destinada à santidade no meio do mundo, no trabalho corrente.

Ele próprio define o que é uma *criança*, no sentido do destinatário privilegiado da sua pregação:

«“Ponde” numa criança “destas” muita graça de Deus, o desejo de fazer a sua Vontade (de Deus), muito amor a Jesus, toda a ciência humana que a sua capacidade lhe permita adquirir..., e tereis retratado o carácter dos apóstolos de hoje, tal como indubitavelmente Deus os quer» ⁵⁴.

Nesta definição não há lugar para a irresponsabilidade ou para a mimalhice, mas sim uma grande abertura a Deus, uma abertura não teórica mas existencial.

Uma vez concluído o estudo do método vamos aplica-lo ao nosso caso. Para isso usaremos os resultados que nos são fornecidos pelo «Santo Rosário».

3. O segredo de Maria reconsiderado

a) As premissas do problema

Na primeira parte do nosso estudo chegámos a algumas conclusões sobre aquilo a que resolvemos chamar «o segredo de Maria» e que conduzem a certo impasse sobre a cronologia dos acontecimentos.

A conjugação dos textos de Mt 1,18-25 com Lc 1,26-56 parece apontar para um momento que se situaria depois da estadia de Maria em casa de Zacarias, ajudando Isabel, ou seja, depois de três meses decorridos desde a concepção. José, portanto, teria tido conhecimento da gravidez, não porque Maria o informasse, mas pela verificação externa dos sinais do seu estado.

la personalità matura di un adulto. Insegnava persino che le due cose si possono dare nello stesso tempo, infatti se compenetrano (...) La vita di un cristiano adulto non è in opposizione con l'essere bambino, ma con l'immaturità (cf. *Amici di Dio*, n. 66) – con quel comportamento egocentrico, capriccioso, infantile che può darsi ad ogni età –; al contrario, chi “entra” in Dio trova in lui il suo amore per il mondo...» (*Il senso della filiazione divina*, in ATENEO ROMANO DELLA SANTA CROCE, *Santità e mondo. Atti del Convegno teologico di studio sugli insegnamenti del Beato Josemaría Escrivá (Roma, 12-14 ottobre 1993)*, Lib. Ed. Vaticana, Vaticano, 1994, 98-99).

⁵⁴ *Caminho*, n. 857, § 2. A crianças «destas» refere-se à capacidade das crianças de pedir coisas impossíveis e de ser audazes (cf. *Ibidem*, § 1).

Mas, se assim foi, a difamação dificilmente se evitaria, se é que não corria já pela aldeia a notícia. E todo o raciocínio perde o seu sentido.

b) Um novo texto

Diante destas premissas, eis-nos colocados perante um texto de São Josemaría, retirado de «Santo Rosário»:

«Agora, menino amigo, espero que já saibas mexer-te. – Acompanha alegremente José e Santa Maria... e ficarás a par das tradições da Casa de David.

Ouvirás falar de Isabel e de Zacarias, enternecer-te-ás com o amor puríssimo de José e baterá com mais força o teu coração cada vez que pronunciarem o nome do Menino que há-de nascer em Belém...»⁵⁵.

O texto apresenta, para o nosso estudo, dois elementos interessantes:

a) José acompanhou Maria na sua viagem até às montanhas da Judeia⁵⁶, o que é lógico, desde o ponto de vista estritamente exegético, uma vez que, na sociedade tradicional da Galileia⁵⁷, dificilmente uma desposada poderia ter tanta independência até ao ponto de empreender uma viagem daquelas sem contar com a presença do seu marido⁵⁸;

⁵⁵ *Santo Rosário*, cit., «Visitação».

⁵⁶ Agregamos umas palavras do actual Prelado do Opus Dei, recordando um episódio da vida do Fundador: «Algo semelhante le ocurrió, en una casa de retiros de Santiago de Chile, con un cuadro del retablo, que representaba la Visitación de la Virgen. Además de las figuras de la Virgen y de Santa Isabel, que se saludan afectuosamente, aparece también San José, acompañando a su Esposa. Nos dijo que su corazón se había llenado de júbilo, al contemplar algo que siempre había meditado: que San José no habría dejado ir sola a la Virgen, porque en esos momentos, en los que nuestra Madre ha concebido al Señor por obra del Espíritu Santo, era lógico que el Santo Patriarca se pusiese a su entera disposición, cumpliendo la Voluntad de Dios de que cuidara a María. Nos repitió que, desde joven, estaba persuadido de que no podía ser de otra manera, ya que San José nunca abandona a los suyos» (ECHEVARRÍA, J., *Memória del Beato Josemaría Escrivá*, cit., 252). Note-se que aquilo que se afirma não é que José deva acompanhar Maria por ser seu esposo mas porque ela concebeu e necessita da sua protecção mais do que antes.

⁵⁷ FREYNE (S., *Galilee, from Alexandre the Great to Hadrian (323 BCE to 135 CE). A Study of Second Temple Judaism*, T&T Clark, Edimburgh, 1998 (repr.), 16) defende que o círculo interior da Galileia, em que se integra Nazaré, era de povoamento muito antigo, estável, conservador e bastante hermético às influências cosmopolitas.

⁵⁸ Foi com essas premissas e aquelas que nos fornecia a análise literária do texto, que nós tentamos demonstrar que José não só acompanhou Maria nesta viagem como, além disso, é o primeiro responsável pela redacção do texto da Anunciação e da Visitação, que Lucas, ou alguém antes dele, recolheu (cf. FERREIRA-MARTINS, J.M., *A Anunciação a Maria: um relato de José? Contributo para o estudo das fontes de Lc 1,26-38, "Humanística e teologia"* 17 (1996) 283-307). No entanto, a nossa análise, ao se cingir ao nível técnico da exegese, nunca considerou que José acompanhasse Maria por ela já ter concebido.

b) José e Maria parecem pronunciar entre si «o nome do Menino que há-de nascer em Belém», ou seja, eles parecem ser conscientes da concepção e da identidade da Pessoa concebida, indicada com o nome.

É aqui que se coloca a questão mais intrincada de todo o nosso trabalho:

Até que ponto devemos dar importância científica a uma observação feita no campo da vida espiritual, ou mesmo mística? Qual a legitimidade de introduzirmos no terreno da verificação rigorosa um dado cuja fonte pode ser discutível? Qual o grau de promiscuidade que se deve admitir entre dados revelados, sobre os quais se elabora a ciência, e dados de outra proveniência?

Josemaría Escrivá de Balaguer foi solenemente canonizado mas a canonização não garante, nem muito menos, o carácter sobrenatural, autêntico, proveniente do Espírito Santo de tudo o que o santo disse, ou quis publicar, mesmo que tenha tido uma origem peculiar⁵⁹.

Vamos resolver o problema de outro modo: será que faz algum sentido que Maria e José falassem já do nome do Menino há pouco concebido?

Desde o ponto de vista estritamente exegético faz todo o sentido.

A razão é simples: se Maria estava realmente desposada com José ela não poderia empreender aquela viagem sem dar uma justificação: para onde ia, porquê, para quê, por quanto tempo, etc. Nenhuma dessas questões pode ser respondida convenientemente sem referir a Anunciação: Maria ia a casa de Zacarias, porque Isabel tinha concebido, sendo ela anciã e estéril, necessitando por isso de ajuda, o que lhe tinha sido comunicado da parte de Deus pelo Anjo Gabriel que lhe tinha aparecido.

Portanto, a Visitação exige a revelação da Anunciação o que implica a revelação da concepção.

Então a solução de São Josemaría já se encontra no texto evangélico. De facto, assim é. E não se sabe o que mais surpreende: se a cegueira do exegeta ao ler, se a perspicácia de quem possui uma união maior com o Autor do texto.

⁵⁹ Recordamos as circunstâncias da redacção de «Santo Rosário»: de uma só vez, depois da celebração da Eucaristia, num ano de especiais graças recebidas de Deus. Também apontamos uma observação de A. DEL PORTILLO, a propósito do modo como São Josemaría foi favorecido com especiais graças e luzes de Deus: «No dudo en afirmar que Dios le dio con creces el don de la contemplación infusa. (...) Llevaría mucho tiempo describir la riqueza de su vida interior, en la que el Espíritu Santo le condujo hacia las altas cimas de la unión mística en medio de la vida ordinaria, atravesando también durísimas purificaciones de los sentidos y del espíritu.» (*Entrevista sobre el Fundador del Opus Dei*, cit., 134-135).

c) O segredo de Maria: conclusão

Sendo assim, pergunta-se: teria Maria revelado a José tudo o que sucedeu na Anunciação, mal ela se deu?

Não. Se o tivesse feito nunca José teria pensado em abandoná-la. Maria, de facto, guardou um segredo, e isso é igualmente afirmado por São Josemaría quando escreve:

«Que exemplo de discrição nos dá a Mãe de Deus! Nem a São José comunica o mistério. – Pede à Senhora a discrição que te falta»⁶⁰.

Esse segredo, no entanto, deve ser compatível com os seguintes dados:

a) José é informado da gravidez antes da saída para as montanhas de Judá, isto é, muito perto do momento da Anunciação⁶¹; imediatamente a seguir pensa na solução de abandonar Maria secretamente e dá-se o sonho; só depois é que partem para a Judeia;

b) José não é informado de que modo se deu a concepção, informação que cabe dar ao Anjo que lhe aparece em sonhos⁶².

⁶⁰ *Caminho*, cit., n. 653. Este ponto de pertence ao *Manuscrito de Burgos*, o rascunho de *Caminho*; o Autor reside em Burgos desde 8 de Janeiro de 1938 até 28 de Março de 1939. No guião de uma meditação de uns Exercícios Espirituais pregados em Vitória em 20 de Agosto de 1938 com o título «La Encarnación del Señor», lê-se: «Discreción. Nadie se enterá: José». Existe também uma frase testemunhal da pregação do Fundador do Opus Dei que seria posterior a Maio de 1938 em que se diz: «La Virgen, modelo de discreción, ni a San José cuenta el misterio, que parecía natural que supiese al mismo tiempo que Ella» (cf. RODRÍGUEZ, P. (dir.), *Camino. Edición crítico-histórica* [= Josemaría Escrivá de Balaguer. *Obras completas* I,1], Instituto Histórico Josemaría Escrivá, Rialp, Madrid, 2002). Ou seja, a ideia é, pelo menos de 1938, sete anos depois de *Santo Rosário*. Outros estudos não adiantam muito sobre este ponto: ESCARTÍN (J.M., *Devoción y amor a María en «Camino»*, in VÁRIOS, *Estudios sobre «Camino»*, Rialp, Madrid, 1988, 319-337) não o chega a analisar; OROZCO (A., *Aprender en «Camino» el amor a la Virgen*, in *Ibidem*, 339-358) apenas comenta que Maria «nunca habló para defender su honor» (348).

⁶¹ Esta proximidade temporal entre a concepção (Anunciação) e Visitação é requerida (1) pela expressão «Levantando-se Maria naqueles mesmos dias, partiu com pressa para uma povoação de Judá» (Lc 1,39), e (2) pelo facto de a Anunciação se dar «no sexto mês» da gravidez de Isabel (cf. Lc 1,26.36), e Maria ter ficado com ela «cerca de três meses» (Lc 1,56).

⁶² A informação do Anjo a José parece estar centrada *no modo* da concepção, *não no facto* da concepção: «porque o que nela se gerou é do Espírito Santo» (Mt 1,20). Ora é exactamente aqui que certos autores espirituais tropeçam porque, ao querer solucionar o problema, afirmam que Maria informou José de tudo logo após a Anunciação, negando a existência de um verdadeiro segredo. Assim CAF-FAREL (H., *No temas recibir a María, tu esposa*, cit. em n 2) afirma que, quando o Anjo diz a José que o que vai nascer é fruto do Espírito Santo, «José ya lo sabía» (54).

Isto obriga-nos a concluir que o segredo exclui uma matéria e inclui outra; exclui a concepção, sobre a qual Maria não faz sigilo, porque não quer ou porque pode ocultar, e inclui o modo da concepção, o qual é mantido em silêncio. Após a Anunciação, José sabe que Maria tinha concebido. Como? Julgamos que isso é matéria para outro trabalho. Por agora, baste-nos constatar que a concepção é conhecido por José muito perto cronologicamente da Anunciação mas a identidade e a origem do Concebido permanece em segredo.

Conclusão

Todo o estudo que tentamos desenvolver se baseou num dado difícil: a conciliação entre a ciência humana do exegeta com a ciência divina do homem de Deus. Julgamos que se pode concluir que para o primeiro há dados a que não chegaria tão facilmente sem a ajuda do segundo⁶³: embora o texto contenha toda a informação pertinente, ele exige uma comunhão com o Espírito Santo para se tornar patente. Esse é o grande contributo dos santos para a exegese, entre os quais se conta a São Josemaría Escrivá.

J. M. FERREIRA-MARTINS

⁶³ Também se pode dizer que os homens de Deus procuram e agradecem os dados dos homens da ciência; a propósito de São Josemaría, afirma o actual Prelado do Opus Dei: «Usaba con frecuencia un libro preparado por el Cardenal Gomá en el que se recoge la vida del Señor, entremezclando las escenas de los cuatro Evangelios, en una relación cronológica. Lo tenía en la mesilla, lo leía muchas veces, cuando se despertaba por la noche, y lo llevaba consigo en los viajes» (ECHEVARRÍA, J., *Memória del Beato Josemaría Escrivá*, cit., 251).